

NA MATERIALIDADE DE UMA PLACA DE ENDEREÇAMENTO, O SIMBOLISMO DA TRAJETÓRIA DE UMA PROFESSORA PRIMÁRIA (1901 a 1934)

Janaína Aparecida Guerra¹

RESUMO



Recortando como objeto de estudo a memória produzida sobre “Mestra Ritinha”, professora mulata que atuou na cidade de Sabará, nas décadas iniciais do século XX, o presente artigo discute como o gênero e a raça, sempre estiveram atrelados à representação da docência primária. Tomando como ponto de partida o registro do nome da Mestra encontrado numa placa de endereçamento de uma das principais vias de acesso ao centro histórico de Sabará, a pesquisa indagou como se produziu a

visibilidade social dessa mulher, mulata, professora e diretora do primeiro grupo escolar deste município, no contexto pós-abolicionista das primeiras décadas republicanas. A pesquisa está fundamentada na perspectiva cultural de Roger Chartier (1988) e de Maurice Halbwachs (1988). Para a investigação utilizou-se do *Método Indiciário* de Ginzburg (1991), das fontes impressas encontradas nos acervos da E.E.Paula Rocha, no Arquivo Público Mineiro, e das fontes orais originalmente produzidas nesta pesquisa. Mediante escassez de documentos buscou-se pela metodologia da História Oral registrar as lembranças que os entrevistados guardam da Mestra, bem como as rememorações de experiências vividas e compartilhadas com ela, num tempo histórico e social. Com base nas fontes utilizadas foi possível compor a narrativa da história pessoal e profissional da Mestra; ressignificar a memória dessa professora no tempo presente; discutir o lugar social e simbólico da docência primária; compreender a crescente demanda do sexo feminino pelos cursos normais; identificar o perfil ético e estético prescrito à professora primária; e analisar a dimensão relacional do gênero e da etnia nas imagens e representações que os entrevistados construíram à respeito da Mestra. A análise das respectivas fontes possibilitou a identificação das representações da docência primária, das diferentes formas de elaboração e de manifestação da memória. Os discursos produzidos sobre a Mestra apontaram para uma hierarquização de valores e de idéias sobre a docência primária e para a legitimação das falas através de diferentes posições sociais, valores e imaginário da sociedade. Observa-se que, ainda que não correspondesse ao perfil estético prescrito à mulher para o exercício da docência, a Mestra por sua competência profissional e qualidades pessoais, teve o seu nome materializado num *lugar de memória*. Para além de ser resguardado da invisibilidade e do esquecimento, referenciava condutas de conterrâneas, que pelas vias da prescrição ou da predileção, trilhariam os caminhos da profissão docente e do magistério primário.

Palavras-chave: magistério, gênero, raça, professora primária, representação, memória.

¹ Professora de Educação Básica do Ensino Fundamental; lecionou por 15 anos na Rede Pública de Ensino do Estado de Minas Gerais; Bacharel e Licenciada em Psicóloga pela Universidade FUMEC; Mestra em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Contato: janaina.guerra@ig.com.br

ABSTRACT

Cutting as study object memory produced on "Mistress Rita," mulatto teacher who worked in the town of Sabara, in the early decades of the twentieth century, this article discusses how gender and race have always been linked to the representation of primary teaching. Taking as starting point the record the name of the Master found a plate of addressing one of the main access roads to the historic Sabara, the survey inquired as produced the social visibility of this woman, mulatto, professor and director of the first school group this municipality, in the post-abolition of the first decades of the Republic. The research is based on the cultural perspective of Roger Chartier (1988) and Maurice Halbwachs (1988). For research we used the method of Evidential Ginzburg (1991), the printed sources found in the collections of EEPaula Rock Mining in the Public Archives, and oral sources originally produced in this research. By scarcity of documents sought by the methodology of oral history record memories that respondents hold Master's as well as the recollections of experiences and shared with her, in a historical time and social. Based on the sources used was possible to compose a narrative of personal and professional history of the Master; meanings to the memory of this teacher at this time, to discuss the place of social and symbolic teaching primary; understand the growing demand by female normal courses; identify Profile ethical and aesthetic prescribed to the primary teacher and to analyze the relational dimension of gender and ethnicity on the images and representations that built the respondents about the Master. The analysis of the sources enabled the identification of the primary representations of teaching, the different forms of development and manifestation of memory. The discourses produced about Master pointed to a hierarchy of values and ideas about teaching primary and for legitimating discourse through different social positions, and imaginary values of society. It is observed that, even if not matched the aesthetic profile prescribed to women for the practice of teaching, the Master for their professional competence and personal qualities, his name had materialized in a place of memory. Besides being sheltered from invisibility and oblivion, referenciava ducts countrywomen, who by way of limitation or preference, trilharam paths of the teaching profession and primary teaching.

Keywords: teaching, gender, race, primary teacher, representation, memory.

INTRODUÇÃO

Este artigo² tem como objetivo discutir o atrelamento do gênero e do simbolismo étnico ao magistério primário, a partir da trajetória profissional de uma personagem da história da educação de Sabará, cujo nome encontra-se registrado numa placa de endereçamento desta cidade: Mestra Ritinha.

Inspirada em Bourdieu (1989) para quem o processo de pesquisa é a arte de fazer aparecer problemas nas coisas mais elementares, tomei a Placa, que há mais de meio século, registra o nome da Mestra numa importante via de acesso de Sabará como mote e ao mesmo tempo, ponto de partida para interrogar a visibilidade alcançada por essa mulata que atuou como professora e diretora do primeiro grupo escolar desta cidade, no período de 1901 a 1934.

A contextualização sócio-histórica desta pesquisa corresponde às três primeiras décadas do século XX, período de consideráveis acontecimentos políticos e sociais em Minas e em outros estados brasileiros: a resignificação da imagem social da mulher; a produção e propagação de um modelo de docência primária, apresentado ao universo feminino como uma das opções possíveis de ingresso da mulher na vida pública; a crescente demanda pelos cursos normais - fenômeno mundial conhecido como *feminização do magistério primário*- a gradual afirmação feminina na docência primária-caminho prescrito e aceito socialmente para que a mulher pudesse obter autonomia econômica e conquistar outros espaços de atuação; a laicização e a democratização do ensino público; a modernização que principiava trazendo em seu bojo a emergência de uma nova sociedade e a necessidade de instrução da população; a construção da nação brasileira pelas vias da educação; as reformas educacionais implementadas pela intelectualidade brasileira; e as representações éticas e estéticas, as quais pautadas em *marcadores sociais de gênero, raça e classe*, conforme Louro (2011), imputaram prescrições às professoras primárias, definindo-lhes rumos e trajetórias profissionais.

No atual momento em que as professoras da Educação Básica do Ensino Fundamental gozam de um parco reconhecimento social, ver o nome da Mestra na Placa despertou a minha atenção suscitando-me curiosidades. Quem foi Mestra Ritinha? O que a

² Este artigo é parte integrante da minha pesquisa de mestrado intitulada **Na Tessitura de uma História Alinhavada por Memórias, as Representações da Professora Primária e do Magistério**.

memória produzida sobre a Mestra informa sobre o magistério e as representações sociais prescritas à professora primária, em Sabará? Quais motivos levariam uma professora primária a ter seu nome destacado numa placa de endereçamento?

Tomar de empréstimo as lentes do presente para ler o passado foi o movimento a que me propus fazer neste estudo, para desvelar a trajetória da Mestra oculta na materialidade da Placa. Assumindo a perspectiva analítica do *Método Indiciário* de Ginzburg (1989) segundo o qual, vestígios podem se constituir como dados reveladores sai em busca das marcas deixadas por Rita Cassiana.

Apesar de notabilizada na Placa, a história da Mestra Ritinha é pouco conhecida e carente de registros. No pequeno e preservado acervo da atual E.E. “Paula Rocha” encontrei documentos comprobatórios que indiciam o percurso profissional de Rita Cassiana, como professora e diretora dessa instituição escolar: livro de matrícula, livro de ponto, documento de posse, atas de reuniões, termos de abertura e encerramento das aulas, e, mapeamento do corpo docente e administrativo. Além desses informes, encontrei na dissertação de Rocha (2008) referências à Mestra como exímia professora, citadas nos termos de visita de Inspectores de Ensino, pesquisados no Arquivo Público Mineiro. Mediante escassez das fontes documentais, lancei mão da história oral que nesta pesquisa foi um recurso metodológico rico e eficaz.

Alinhada com a lógica de Le Ven (2010) de que as histórias são feitas de memórias, passei a investigar as lembranças dos conterrâneos e contemporâneos da Mestra. Através das pessoas que conheceram e estreitaram vínculos afetivos e profissionais com essa professora, bem como de quem não a conheceu, mas que acessou registros produzidos sobre a memória dessa cidadã por meio das histórias contadas por pais, avós, tios, vizinhos dentre outros membros da comunidade sabarense, encontrei possibilidades de reabertura e (re) leitura do passado dessa professora primária, e o mote para a problematização e ressignificação da memória produzida sobre ela.

Nesta pesquisa, os sujeitos entrevistados foram divididos em dois grupos, de acordo com o seu pertencimento geracional. No primeiro grupo, estão os guardiões e guardiãs, perpetuadores da memória dessa professora: Dr.Hélio Costa, 96 anos, ex-aluno da Mestra que chegou a exercer a função pública de desembargador de Minas Gerais; Maria Laura Guimarães, 98 anos, ex-vizinha, amiga e também professora primária que trabalhou no grupo escolar Paula Rocha, na época em que Rita Cassiana foi diretora; e, Vênica Maria Lima, 91

anos, que conheceu a diretora Ritinha, aos nove anos de idade, quando cursou a quarta série primária no grupo Paula Rocha. No segundo grupo, participaram dois homens e três mulheres: José Arcanjo Bouzas, historiador, 66 anos, sobrinho de dona Maria Laura e ex-aluno da senhora Vênica; Sérgio Alexandre, 53 anos, funcionário público municipal; Maria de Lourdes Dias, 77 anos, professora primária aposentada; Maria Isabel Lourenço, 76 anos, proprietária do ex-instituto educacional Mestra Ritinha; e, Maria Lourdes G. Machado, 72 anos, escritora, que ao escrever sobre as ruas de Sabará, registra em seu livro, poucas, mas, significativas informações sobre a Mestra ao escrever sobre a **Rua Mestra Ritinha**.

Embora o destaque dado a Mestra por seu grupo de pertencimento social supostamente alinhe-se à produção de uma memória laudatória para referenciar condutas e ações de normalistas sabarenses, evitei na reconstrução de sua história, tecer um repertório acrítico e meramente ilustrativo. Conforme adverte Bourdieu (1996):

Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência [...] (BOURDIEU, 1996, p.185).

O escopo deste trabalho de extrair na memória da Mestra Ritinha as representações construídas sobre a professora primária, centra-se na lógica de Veyne (1998) de que na especificidade das histórias singulares, podemos encontrar fatos generalizáveis e comuns a outros sujeitos. Brigitte Bardot³, George Pompidou⁴ e Frederico Guilherme⁵, são alguns exemplos de sujeitos citados por Veyne (1998) que, em suas especificidades, representam categorias sociais mais gerais. Apresentados enquanto sujeito de um determinado fato histórico-social, informam em sua história singular, ideologias, contextos sociais, políticos, históricos e culturais, pertencentes a tantas outras histórias.

Essa pesquisa, busca estabelecer um diálogo entre a memória oficial e as lembranças externadas pelos entrevistados, ainda contadas como histórias sobre *dona Ritinha*. Apoiada no referencial teórico-metodológico da memória coletiva de Halbwachs(1990), na abordagem da História Cultural de Chartier (1988), além de pesquisas historiográficas sobre docência e raça, essa pesquisa também busca analisar o lugar social da

³ Brigitte Bardot, atriz francesa consagrada do anos 50 do século XX;

⁴ George Pompidou foi presidente da França em 1960. Faleceu em 1974.

⁵ Frederico Guilherme descrito por Veyne como representante dos alfaiares.

docência, as representações sociais prescritas às professoras primárias, e o atrelamento do gênero e da raça à docência a partir das imagens desenhadas sobre a professora primária republicana.

O artigo está organizado em duas seções. Na primeira, apresento a Mestra em seu percurso social e profissional à partir das narrativas oriundas das lembranças de seus conterrâneos e contemporâneos, e dos documentos encontrados no pequeno acervo da Escola Estadual “Paula Rocha”, e outros apresentados na pesquisa de Rocha(2008), coletados no Arquivo Público Mineiro. Na segunda e última seção, proponho mostrar a partir da história da Mestra, como gênero e raça, estiveram atreladas à condição feminina, nas experiências sociais e profissionais das mulheres no início do século.

MESTRA RITINHA APRESENTADA AS MEMÓRIAS DE SEUS CONTERRÂNEOS

No sacrário da memória dos sujeitos entrevistados representados por uma teia de sociabilidade que integrou diferentes gerações, homens e mulheres, anciãs e anciões que ainda guardam lembranças e contam a história dessa professora primária, encontrei os elementos para compor a narrativa de sua história pessoal e de sua trajetória profissional no campo da educação, em Sabará.

Registros não oficiais, como as narrativas dos entrevistados nesta pesquisa, dão conta de que Rita Cassiana Martins Pereira nasceu em 24 de novembro de 1875, na Villa Real de Nossa Senhora da Conceição de Sabará, antiga província mineira. Nesse lugar, Mestra Ritinha, conforme ficou conhecida, vivenciou suas experiências sociais e construiu sua trajetória profissional. Jovem, mulata e sem filhos, iniciou sua trajetória profissional no campo da educação como professora de primeiras letras, em fins do século XIX, aproximadamente, aos 21 anos de idade. Até 1927 Rita Cassiana atuou como professora primária, no Grupo Escolar “Paula Rocha” de acordo com livro de ponto encontrado no acervo da E.E. “Paula Rocha”. O mesmo documento informa que de 1927 até 1934, ano de seu falecimento, Rita Cassiana assumiu a função de diretora do primeiro grupo escolar de Sabará. Embora sua causa mortis seja desconhecida pela ausência de dados comprobatórios,

segundo a senhora Maria Laura (Lalá), a Mestra faleceu, aos 59 anos, supostamente, vítima de tuberculose⁶.



Foto 1- Mestra Ritinha- diretora do Grupo Escolar Paula Rocha, 1934

Fonte: acervo da E.E. “Paula Rocha”

Rita Cassiana e mais três irmãos, eram filhos de um casamento inter-racial entre o português, Major Luis Cassiano, com uma ex-escrava, cujo nome é desconhecido. Dessa prole tiveram destaque social, Mestra Ritinha e seu irmão, o renomado Luis Cassiano Jr., que atuou como professor, deputado, poeta, advogado e publicista. A partir de documentos encontrados no acervo da atual E.E. Paula Rocha e na dissertação de Rocha (2008), Ritinha *foi notabilizada pela sociedade sabarense e por seus superiores, como professora de exímia conduta pessoal e nobilíssima competência profissional*. A opção pela educação, talvez fosse a única possível, considerando que a máxima pretensão feminina, no campo profissional, naquela época, e sobretudo, na pacata e interiorana Sabará, era ser professora.

Segundo as lembranças da senhora Maria Laura, vizinha e amiga da Mestra, e do Dr. Hélio Costa – ex-aluno de *dona Ritinha*, a família Cassiano Martins Pereira residiu à Rua Direita, atual Rua Pedro II, em um belo e amplo casarão. Tais informações corroboram com a hipótese de um pertencimento social, econômico e cultural privilegiado. Alinhado a essa suposta idéia, a senhora Maria de Lourdes G. Machado, lembra-se de ter ouvido falar que os filhos do Major receberam uma instrução escolar de qualidade e uma esmerada educação do ponto de vista social, político, intelectual e cultural. Dado confirmado pelas lembranças da senhora Maria Laura e Vênica, pois ambas disseram que a Mestra, bem como seus irmãos Virgílio e Luis Cassiano Jr., dominavam três idiomas.

⁶ Doença comum no início do século, que causou o falecimento de muitas pessoas.

A partir das apresentações que representaram a Mestra Ritinha em seus aspectos físicos e indicaram seu pertencimento racial, buscamos compreender a trajetória profissional dessa professora afrodescendente que alcançou mobilidade social e teve destaque na sociedade sabarense, no contexto pós-abolicionista das décadas iniciais do período republicano.

GÊNERO, RAÇA E DOCÊNCIA: TEIAS ENREDADAS NA HISTÓRIA DA MESTRA RITINHA

De acordo com os estudos de Gonçalves (2006), historicamente, a condição feminina esteve atrelada ao gênero e a bipolaridade entre os sexos. Nessa polarização, o homem era associado à civilidade e ao espaço público, enquanto a mulher estava vinculada a natureza e a procriação. No século XIX, considerado *século burguês*, essa bipolaridade ganhou força com a valorização do espaço privado do lar, da maternidade e da herança familiar – marca do traço vitoriano⁷ presente nesse século. Emerge daí, o dualismo público/privado e o reconhecimento da incompatibilidade da mulher para as funções fora do lar, uma vez que estavam destinadas ao cuidado dos filhos e as tarefas domésticas.

Conforme Tanuri (2000) ainda no século XIX, uma nova identidade de gênero começa a tensionar o espaço público, predominantemente masculino, via processo de laicização do ensino, publicização da educação e de iniciativas de implementação das escolas normais, que a cargo do Estado, destinavam-se à formação de professores e professoras leigas.

Para Almeida (1988) esse tensionamento é reforçado, no alvorecer do século XX, no momento em que a docência foi apresentada ao universo feminino, como caminho profissional, prescrito e aceito socialmente. Por ele, muitas mulheres enveredaram pelas trilhas da profissão docente em busca de autonomia, socialização e conquista de novos espaços de atuação.

Laureado de predicativos religiosos, femininos e vocacionais, o magistério foi representado como uma das opções possíveis de ingresso da mulher na vida pública. Conforme informa Dauphin (1993, p.141) “Os ofícios novos abertos às mulheres neste fim de século levarão a dupla marca do modelo religioso e da metáfora materna: dedicação-disponibilidade, humildade-submissão, abnegação-sacrifício”. Segundo as lembranças dos

⁷ O período de 1837 a 1901 é conhecido historicamente como “Era Vitoriana”, simbolizando o reinado da Rainha Vitória, na Inglaterra. Período marcado pelo conservadorismo, pela criação e aplicação de normas éticas, a moral vitoriana era consagrada pelos estratos mais favorecidos da população. Tida como a rainha burguesa, o lar representava um espaço privado privilegiado.

sujeitos que conviveram com a Mestra, ela se entregava completamente à tarefa de ensinar, dedicando boa parte do tempo à escola e aos alunos, reforçando o caráter de missão e doação apontados por Dauphin.

O negócio dela era só com as crianças e com a escola. Não fazia mais nada em casa, a não ser dar aula de reforço para as crianças. Dona Ritinha vivia da casa para o Grupo e do Grupo para casa. (Maria Laura)

Ela era daquelas professoras que, dificilmente, se negava a receber algum aluno na casa dela, para dar reforço escolar. (José Arcanjo).

Alinhado à suposta vocação da Mestra, Muller (1999) informa que os arroubos da modernidade no Brasil, nas primeiras décadas republicanas, trouxe em seu bojo a industrialização, a crescente urbanização, a diversificação social com expansão da classe média, as novas oportunidades de trabalho, e a necessidade de educar o povo. Com isso, o país passou por mudanças significativas nas esferas políticas, sociais, econômicas e culturais. De acordo com essa autora, tais mudanças repercutiram no campo educacional e mobilizaram políticos e intelectuais brasileiros em torno do ideal de instruir, civilizar e ordenar o povo para a construção do estado-nação.

À escola primária foi posta a tarefa de construir a nação brasileira, através da propagação de valores, de formação de hábitos e atitudes, e inculcação dos deveres/direitos para o exercício da cidadania. Para Faria Filho (2000) a professora primária entra em cena como agente difusor dessa idealizada tarefa de educar e moralizar as crianças brasileiras; projeto adotado em 1906, por políticos mineiros, o qual dava sinais claros da inserção e afirmação feminina no espaço escolar. De acordo com o preâmbulo do Regulamento da Instrução em Minas, citado por esse autor, fica patente o direcionamento e a prescrição que a política educacional mineira fazia às mulheres. “O regulamento estabelece a preferência da professora para o ensino primário – é o meio de abrir à mulher mineira uma carreira digna e proporcionar-lhe ensejo de ser útil à pátria.” (MINAS GERAIS apud FARIA FILHO, 2000, p.108).

De acordo com Muller (1999) as escolas normais do país foram revitalizadas para a tarefa de formar a professora primária e propagar ideais de civilidade e cidadania. Para operar essa transformação e realizar o ideal de arregimentar a pátria brasileira, consolidando-a em uma nação politicamente forte, moderna e portadora de uma identidade

nacional a partir das noções de ordem e progresso, procedeu-se com a ideia do respeito às autoridades constituídas, amor à pátria, veneração aos heróis e símbolos pátrios, especialmente à bandeira. Essas ideias estão postas nas suas lembranças da vida escolar do ex-aluno da Mestra, Dr. Hélio Costa: *Lá no grupo, os meninos cantavam o hino debaixo de uma mangueira enorme!*

No contexto republicano, mais do que instruir, a professora deveria educar e moralizar. Para tal, ela deveria acima de tudo ser um modelo a ser seguido, um exemplo de caráter e moral. Assim, foram prescritos às mulheres professoras primárias, valores éticos e estéticos. A escola, normal e primária, foi organizada de maneira a inculcar esses valores nos alunos.

Segundo Louro (2011) havia um disciplinamento do corpo, da mente, da alma, dos desejos, dos comportamentos, da linguagem e dos pensamentos das mulheres que, pelas vias da prescrição ou da predileção, enveredassem pelas trilhas da profissão docente. Nas lembranças dos entrevistados, Mestra Ritinha é apresentada com todas essas representações sociais prescritas às professoras primárias:

Figura recatada, de bons modos. Nunca deu a falar nada a ser respeito na cidade. Ela era de pouca conversa (Maria Laura/Lalá);



Foto 1- Mestra Ritinha em 1930 (sentada ao centro/quarta da esquerda p/direita)

Fonte: acervo pessoal da Sra. Vênica

Andava sempre muito bem vestida com uma blusa de cashimire, um casaco e uma saia comprida (acho que tinha um macho na frente). Era uma figura exemplar, nota 10. Eu me lembro do barulho do sapato dela: toc... toc... toc... andando pelos corredores da escola. (Vênica Lima)

Na lembrança do barulho do sapato de Ritinha, a senhora Vênica deixa patente a inculcação moral, o disciplinamento e ordenamento social que estava prescrito às professoras, para que nos seus modos de ser e de exercer a docência pudessem transmitir esses valores e ideais aos alunos, futuros cidadãos brasileiros. Valores que se fizeram presentes na narrativa mnemônica de outro entrevistado:

A gente enxergava a professora como uma coisa tão... Uma estima, um prestígio social. Era isso que as pessoas enxergam na Mestra, os ex-alunos dela, as pessoas que conviveram, com ela. (José Arcanjo C. Bouzas).

Noções postas também através do aprendizado das disciplinas ensinadas nos cursos normais, tal quais as rememorações de Maria de Lourdes Dias:

Moral e cívica, História de Minas e, do Brasil, Língua Pátria, Ciências... . A gente tinha noções de tudo moral e civismo, religião... E mais outras, no curso normal. Depois a gente ensinava na escola.

Alinhado ao valor social de construção do país e ao modelo de docência - produzida e propagada pelos discursos político, médico e religioso – tem-se que as normas de condutas éticas e estéticas além de contidas no regimento escolar também eram inspecionadas. Nessa inspeção as docentes eram classificadas como, competentes ou incompetentes. Faria Filho (2000) faz menção a um *Boletim Reservado* produzido pela Secretaria do Interior e utilizado pelos inspetores como meio de avaliação e controle da professora no exercício de suas funções. Transcrevemos a seguir partes do Boletim registrado por esse autor:

BOLETIM RESERVADO [...] Cadeira: grupo escolar “Paula Rocha”. Professora: ...É inteligente?É preparada? Tem aprendido didactica? É moralizada? Gosa de boa fama? Emprega o methodo intuitivo? Adopta calligraphia vertical? Que método de leitura adopta? Precisa de assistência technica? Precisa ser substituída?(ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO/código: SI3675/Grupos escolares – 1917 apud FARIA FILHO, 2000, p.123).

Ainda que a docência não seja o foco de sua pesquisa, Rocha (2008) cita documentos em que a Mestra é destacada por seus superiores,

A cadeira feminina do terceiro anno, regida pela professora D. Rita Cassiana Martins Pereira, preencheu cabalmente seus fins. Esta **inteligente esforçada**

professora, cujos predicados educativos a colocam em destaque, sabe aliar o amor por sua nobilíssima missão ao zelo por tudo que diz respeito à sua classe. (MINAS GERAIS apud ROCHA, 2008, p. 102).

Para além dos documentos, as qualidades e competências da Mestra estão presentes nas narrativas mnemônicas dos entrevistados:

[...] enérgica; inteligente; corajosa; bondosa; caridosa, alegre, boazinha e carinhosa; muito bonitinha, muito arrumada; consolador,, um encanto de pessoa; era uma simpatia; recatada demais; solteirinha da silva; super fina e educada; ela era nota 10, chique,, sempre um bom trato com a gente;erudita; tinha voz macia para falar com as crianças; sopro de genialidade,, inteligência fora do comum,, uma pessoa que venceu preconceitos raciais; pessoa de fibra e garra; idealista de educação; amiga; pessoa de gabarito e de instrução; exímia mestra.

Nas narrativas que descreveram a trajetória profissional da Mestra ficam patentes os elementos que aquilatavam as representações produzidas e prescritas às docentes, naquele começo do século XX. Representações sociais sobre as quais foi erigida a memória sobre a Mestra Ritinha e que informam sobre o perfil exigido da professora primária, o qual jamais deve “cair no esquecimento” da comunidade sabarense. José Arcanjo do Couto Bouzas, um dos entrevistados, ao se referir à placa de endereçamento que registra o nome da Mestra disse: *Fizeram uma bela homenagem de dar o nome dela à Rua. Mestra Ritinha é símbolo para todas as professoras de Sabará.*

Para além dos predicativos que laurearam Rita Cassiana como professora primária, nas narrativas mnemônicas que apresentaram a Mestra, está demarcada as suas características físicas e o seu pertencimento étnico.

Ela era bem morena. Usava o cabelo bem espichadinho num coque muito bem feito! (D. Vênica)

Ela era moreninha, pequeninha e bem jeitosinha. (D. Maria Laura)

Segundo a fotografia, ela era uma pessoa mulata, bem morena. (Maria Isabel)

Ela era mulata, mulata clara, bem clara. (Sr. Hélio)

Minha avó falava que ela tinha descendência negra. (José Arcanjo)

A partir dessas descrições fornecidas pelos entrevistados que apresentaram a Mestra e indiciaram o seu pertencimento racial, buscou-se compreender a trajetória profissional dessa professora afrodescendente que alcançou mobilidade social e teve

destaque na sociedade sabarense, no contexto pós-abolicionista das décadas iniciais do período republicano.

Para Louro (2007) gênero, etnia e classe social foram alguns dos “marcadores sociais” - conforme termo citado por Britzman (1996) – que, a partir do período colonial, imputaram diferenças significativas à educação feminina. Presentes na vida das mulheres, desde cedo, esses ‘marcadores’ definiram-lhes rumos e trajetórias.

Muller (1999) em seus estudos sobre *Educadores e alunos negros na Primeira República* sinaliza sobre a questão do atrelamento entre raça e gênero, assim como Louro (2007). Segundo essa autora, nos registros oficiais dos três estados pesquisados, dentre eles Minas Gerais, “[...] os professores negros pareciam ocupar melhores posições que as professoras negras”. (MULLER, 1999, p. 43).

Gonçalves (2006) igualmente destaca que o gênero, concebido enquanto diferenciação anatômica e aliado à classe social, etnia e religião, foram determinantes na definição de espaços e papéis sociais ocupados por homens e mulheres, em diferentes tempos e sociedades.

Em diálogo com os estudos de Gonçalves (2006), temos que os atributos construídos para as mulheres, existentes desde períodos imemoriais da História, ou maquinados no próprio período oitocentista [quem sabe ainda em vigência nos dias atuais], profanizaram e desqualificaram o sexo feminino. Para além do gênero, pensado enquanto condição anatômica, raça e classe social também pesaram sobre as representações sociais femininas. De acordo com Crossetti de Almeida (1991), no Brasil, diferentemente da Europa e de outros países, a representação demoníaca historicamente alocada ao sexo feminino foi construída sob a perspectiva da sexualidade da negra, da mulata e da escrava. Conforme essa autora,

[...] Os seres excepcionalmente excitáveis (e malévolos) no Brasil – não apenas no período colonial, mas mesmo no século XIX com seus arroubos de modernidade não são as mulheres, mas sim os negros, os escravos. As escravas em particular [...] pervertendo os brancos com seu contágio [...] (ALMEIDA, 1991, p.168)

Na sociedade escravocrata e patriarcal, a imagem das negras, mulatas e escravas estava intimamente relacionadas à perversão, a luxúria e aos prazeres da carne. Delas os homens brancos se resguardavam, uma vez que, sedutoras e pecaminosas, poderiam levá-

los às condutas desviantes. Enquanto que as negras, mulatas e escravas eram vistas como seres, impuros e de natureza perversa, pecaminosa, as mulheres brancas, em contrapartida, eram representadas como figura angelical, pura e assexuada. Ao que sugere a citação de Almeida (1991), apenas as negras e mulatas representavam perigo ao sexo oposto.

Todavia, em meio às mudanças advindas da modernidade que principiava no início do século XX, da propagação dos discursos sobre a formação do Estado-nação, da necessidade de instruir, educar e civilizar a população brasileira, do receio do catolicismo sobre a desagregação familiar em função dos ideais feministas, e da nova concepção da infância vemos ser processada uma limpeza na imagem social da mulher.

Essa ressignificação das representações sociais sobre o sexo feminino que se deu em função de interesses políticos e religiosos prescreveu o gênero ao magistério. Mas haveria alguma exigência na identificação étnico-racial dessas professoras?

Dávila (2006, p.157), em seu estudo sobre a *Política social e racial no Brasil no período de 1917 a 1945*, vai dizer que, enquanto exigência social ou auto-identificação “É impossível saber se tinham um senso uniforme de sua cor, raça ou etnicidade. Como profissionais (...) eles podem ter assumido uma identidade *branqueada*”.

A lógica de Dávila (2006) de um suposto embranquecimento do professorado carioca (estado em que realizou seus estudos), no início do século passado, e a afirmação de Schwarcz (2010,p.11) [...]‘raça social’ (que faz com que as) pessoas ‘embranqueçam ou empreteçam’, conforme a situação social e mesmo econômica [...], fundamentariam as narrativas mnemônicas sobre *dona Ritinha* e seu irmão Luis Cassiano - também figura de destaque na placa de endereçamento da rua transversal à Rua Mestra Ritinha. Narrativas que sugerem que o diploma e a posição social branqueavam o negros e mulatos:

Luis Cassiano que era mulato, tornou-se uma grande figura; ele estudou, ele teve oportunidade, ele pôde fazer isso. (José Arcanjo).

Ela tinha um irmão bem escuro, mas muito educado e muito inteligente que foi advogado e deputado. (D. Lalá, 98 anos).

Na visão de Dávila (2006) e Schwarchs (2001), à questão do branqueamento da raça atrelavam-se o lugar e a posição social ocupados pelos negros tal qual está posto nas lembranças de José Arcanjo:

[...] é a mesma coisa que eu falo aqui de D. Ritinha, de seu Luis Cassiano, que eles eram filhos de negra com branco. O Luis Cassiano era um homem inteligente, formou-se em direito, foi um dos responsáveis pela transferência da Capital de Ouro Preto para a região de Sabará, do Curral Del Rei; ele acaba que é uma pessoa importante. Luis Cassiano junto com Arthur (?) era um dos fundadores do jornal O Contemporâneo. Então quer dizer, era uma pessoa que soube se fazer destacar. Ai a cor, torna-se de menor importância para as pessoas daquela época. Era uma pessoa importante, uma pessoa que sabia se posicionar [...] No caso do Luis Cassiano, foi isto. Imagino que com D. Ritinha também foi oportunidade, embora seja uma pessoa de gabarito, de instrução.

Dávila (2006) sugestivamente, alinha-se às ideias de Gonçalves (2009) e de Muller (1999) ao informar que, o contexto republicano que prescreveu o magistério primário ao universo feminino, inseriu a mulher branca e não-branca no espaço da vida pública, até a década de 20 do século XX. Da mesma forma, que os alunos negros foram inseridos. Fato presente nas lembranças do Dr. Hélio ao dizer *naquela época [1920/1921] na sala havia meninos negros, mulatos e brancos; era tudo misturado.*

Dávila (2006, p.158) ao coletar informações de uma ex-professora de “cor” aposentada que estudou e lecionou no regime do Estado Novo, sugere que até esse período, não era exigido formação específica para dar aula nas escolas públicas - “eles se valiam de sua educação básica para ensinar as primeiras letras nas escolas públicas”. Coincidência ou não, vemos similitudes com a trajetória de Ritinha de acordo com informações dos entrevistados:

Minha avó e minha mãe contavam que ela era uma exímia Mestra, professora de primeiras letras. (José Arcanjo).

Meus avós maternos se relacionavam bem com a Mestra Ritinha [...] meu tio e minha mãe foram alunos da Mestra e de sua irmã na escola de primeiras letras da antiga escola onde hoje é o fórum. (D. Maria de Lourdes Guerra Machado)

A partir dos anos 20 do período nonocentista, as sucessivas reformas educacionais exigiram formação e diploma, mérito e biótipo saudável. Com isso, o magistério primário passou a ser “uma profissão branca, feminina e de classe média [...] valores da profissionalização marginalizaram sistematicamente os professores de cor” afirma (DÁVILA, 2006, p.161-162).

De acordo com Gomes (1995), em fins do século XIX e início do século XX, a elite branca dominante buscava “camuflar” o problema do racismo brasileiro. Uma das

estratégias foi o embranquecimento da raça negra pela miscigenação, advinda das teorias eugenistas em voga na Europa. Vê-se claramente, nesse período como o quesito raça influenciava a docência prescrevendo ao magistério o perfil de professora, fenotipicamente determinado pela cor de pele, tipo de cabelo, formato dos lábios, dentre outros. Igualmente, antagonismos como saúde/doença, beleza/feiúra, capacidade/incapacidade intelectual e superioridade/inferioridade das raças, prescreviam o “modelo” de professora prescrito socialmente.

O ideal elitista de professor pautado nos valores éticos e estéticos do qual as professoras tinham que ser sadias física e psicologicamente e fenotipicamente europeizadas, prescreveu restrições às afrodescendentes. Nessa linha de raciocínio, a lógica é a da estratificação social do sujeito à partir da produção simbólica cultural da cor. Trocando em miúdos, havia diferenciação nos lugares de pertencimento nos patamares relacionais de hierarquia social e étnica. Conforme aponta Muller (1999):

“No que se refere à ocupação e desocupação de postos no interior da carreira de magistério, já sabemos que ocorreu um processo intencional, ainda que não explicitamente definido, de negação desse espaço profissional a esse grupo racial”. (MULLER, 1999, p.4).

Nesse sentido, como pensar a mobilidade social e profissional da Mestra Ritinha *mulatona, morenina, pequininha, morena escura, azul e do cabelinho ruixinho*- a qual, representada por seus conterrâneos, não gozava dos atributos fenotípicos europeizantes prescritos à professora primária? Como a Mestra, enquanto afrodescendente, pôde exercer a docência e assumir a função de diretora do primeiro grupo escolar de Sabará?

Para além da galhardia, competência e mérito presentes no percurso profissional da Mestra e unanimamente externados pelos sujeitos entrevistados, supõe-se que sua trajetória possa ter sido influenciada por sua condição econômica, cultural e social. Sugerimos como hipótese que a professora e diretora Rita Cassiana, assim como seu irmão, o advogado, escritor e deputado Luis Cassiano Jr., fora *branqueada* por sua erudição, por sua inteligência, pela cultura adquirida no domínio de três línguas, por seu pertencimento social e econômico, e por ser filha de imigrante europeu.

[...] sua posição social a privilegiava como irmã do deputado Luis Cassiano, que ocupou o cargo de 8º Suplente de Juiz Municipal do Termo de Sabará. (José Arcanjo)

[...] Mestra Ritinha era filha de rico português, amigo do abastado, também português, Manuel Pereira de Mello Vianna, pai do presidente do estado de Minas Geraes em 1924 e vice-presidente da república em 1926, Fernando Mello Vianna. (Maria de Lourdes Guerra)

Sua genialidade venceu as barreiras, principalmente as barreiras do preconceito racial, porque era afrodescendente, numa sociedade bastante preconceituosa. O saber foi a sua grande ferramenta, o seu grande instrumento de integração a essa sociedade. Não era esse uma preocupação de Mestra Ritinha, era uma consequência do seu trabalho, uma consequência natural. Não que tivesse ela uma preocupação de ter uma aceitação social, eu acredito! Mas a própria conduta ética e conduta moral, o seu compromisso com a formação do cidadão sabarense, da formação do homem em si inovou uma consequência natural de uma grande admiração dentro daquela sociedade daquele período, um tanto quanto fechada, um tanto quanto preconceituosa. Essa genialidade de Mestra Ritinha é que a coloca entre as grandes formadoras da personalidade e do caráter cultural do sabarense. (Sérgio)

Entretanto, ainda que Rita e seu irmão alcançassem notoriedade vindo a serem homenageados em sua cidade natal, seja por mérito ou por favoritismo sociais e políticos, não podemos deixar de ressaltar que, de certo, outros negros e mestiços sabarense que também colaboraram com os ideais republicanos de progresso do país, permaneceram no anonimato.

A teoria do branqueamento da raça acalhou no processo de embranquecimento do magistério primário, até que surgiu outro modo de se conceber o racismo, motivada pelo equívoco de que o problema racial era um elemento complicador para a definição da nacionalidade brasileira. Eis que surge a teoria da democracia racial que conforme Gomes (1995, p.69), “[...] se afirmou como mito e que atendeu prontamente aos interesses da elite brasileira, ávida de uma solução para o problema racial [...]” .

Após as vãs tentativas de branqueamento da raça, a escapatória vislumbrada por quem pensava, debatia e prescrevia a ideologia sobre o racismo recaiu sobre a miscigenação das raças. E o processo de homogeneização do magistério primário só passa a ser revertido em meados do século XX com a expansão da escola pública que passou a ampliar e a confirmar a igualdade de direitos sociais pela educação. Todavia, questões relacionadas ao preconceito racial foram sugestionadas pelas lembranças de alguns entrevistados:

Ela deve ter sofrido com o preconceito racial na sociedade do início do século; A gente sabia por alto, que tinha tido uma pessoa muito inteligente, uma pessoa

muito corajosa, porque lutou com muito preconceito da época para poder conseguir uma posição assim na educação, tão importante, como a primeira diretora do Grupo Escolar Paula Rocha, em Sabará; Foi diretora numa época em que o racismo era acirrado... Ela conviveu com a nobreza. Ela conviveu com aquela elite orgulhosa daquela época. Então não foi fácil ela ter vencido não, de jeito nenhum. (Maria Izabel);

*Negra, conseguiu conquistar seu espaço... Ganhou respeitabilidade... Sopro de genialidade; sua genialidade vencia barreiras. Naquele momento da sociedade, da nossa cultura, era uma coisa, corriqueira, o preconceito racial. Eu ouvi de uma pessoa que a conheceu, e que teve um contato mais ou menos com ela, um contato não tão grande, mas acredito ter sido através dos seus pais... Essa pessoa usou um termo que é até pouco recomendado hoje e deveria ser pouco recomendado sempre, porque é um termo que não devia ser usado nunca !Não dentro dos nossos conceitos de raça, porque raça só existe uma que é a raça humana e pronto! Mas quando fui buscar um quadro dela [se refere à Mestra] uma fotografia em determinado lugar ouvi essa pessoa se referir à Mestra Ritinha como “**uma negra de alma branca**”. Pela ingenuidade da expressão que foi colocada de forma alguma pejorativa, mas a gente percebia que essa pessoa ouvia isso dentro de casa, não tinha noção do tamanho da bobagem que essa frase representa. Mas, eu absorvi de outra forma. Eu percebi que essa pessoa queria fazer um elogio imenso a ela, sabe? Que o que ela estava fazendo ali naquele momento, ela não percebia a tamanha grosseria da frase, a tamanha estupidez do pensamento, de se pensar dessa forma, mas era mais muito mais uma expressão de admiração pelo trabalho dela. (Sérgio)*

O termo **negra de alma branca** a que Sérgio faz menção foi citado por Afrânio Peixoto em 1917 ao proferir uma de suas aulas na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e ao que sugere está relacionado às questões de ordem sócio-cultural. “[...] Muito preto e mestiço conheci, e venero, porque tiveram e têm culta alma branca. O disvelamento das raças no Brasil insisto, é menos pigmentar do que cultural...” (PEIXOTO, 1938, p. 140-141)

CONCLUSÃO

A presença das mulheres nos espaços escolares corrobora para os diversos estudos no campo da historiografia brasileira. Mestra Ritinha torna-se exemplo, de quão a historiografia precisa ser revisitada, quando se busca entendimento para questões relacionadas aos *marcadores sociais de gênero, etnia e classe social* imputados ao universo feminino.

A partir do cruzamento dos referenciais teóricos com as fontes de investigação utilizadas nesta pesquisa, foi possível a (re) construção da trajetória profissional da Mestra Ritinha, a interlocução entre os registros oficiais e as memórias não oficiais, e a compreensão de que a memória erigida sobre a Mestra - subjacente à Placa e engessada no

imaginário da comunidade sabarense- guarda as representações do modelo idealizado da professora primária, prescrito socialmente e propalado no início do século XX. Para além da identificação dos elementos representativos da professora primária, percebemos que nos discursos dos entrevistados – sujeitos de diferentes gerações, posição social, econômica e cultural – que apresentaram a Mestra e representaram a professora primária, há uma hierarquização de valores e ideias sobre a docência.

Ao alinhavarmos documentos e narrativas que apresentaram a Mestra e revelaram seu pertencimento étnico/racial desenvolvemos a hipótese de que, embora uma nova imagem de professora primária europeizada tivesse sido esculpida, produzida e propagada no início do século passado, ao que sugere Rita Cassiano não deve ter sofrido com o preconceito racial comum à época, tão pouco, teve vetada a sua participação como docente na escola pública, assim como em outros espaços de socialização dos brancos.

Embora estereótipos sobre afrodescendentes ultrapassem o tempo e ainda se façam presentes em nossa sociedade, o que se percebe nas narrativas sobre a Mestra Ritinha, é uma evidente contraposição à depreciação intelectual, moral e ética presentes no entendimento preconceituoso pós-abolicinista. Ao contrário do que prescreviam para os negros, Mestra Ritinha vem pela sua prática profissional atestar competência intelectual e cultural, além de boa conduta ética e moral. As representações positivas sobre a Mestra servem para romper com os estereótipos que atribuíam aos negros e mestiços condutas irresponsáveis e imprevidentes, conforme autores pesquisados.

Assim, não se pode negar que Rita Cassiano Martins Pereira foi uma afrodescendente, que pela competência, erudição e conduta moral exemplar, se destacou na história da educação de Sabará, como professora primária, num momento em que as mulheres adentravam os espaços das salas de aula dos grupos escolares e buscavam se afirmar profissionalmente.

O ver de alguns historiadores influenciados pela sua subjetividade, e conscientes das novas abordagens dos novos modos de se fazer história, sensibilizaram-se com a questão da diversidade cultural e étnica, que abrange questões relativas à raça, relações de gênero, de poder, sobre o homem, a mulher, a criança, enfim, conquistou-se autonomia para historiografar sobre os diversos sujeitos históricos.

Graças à esse novo foco, foi possível tomar a Mestra Ritinha como sujeito histórico e social para discutir as representações sociais da professora primária e do magistério e mostrar, que essas representações ainda persistem, ainda que ressignificadas no presente.

REFERÊNCIAS

ROCHA, Fernanda Cristina Campos. **A reforma João Pinheiro nas práticas escolares do Grupo Escolar Paula Rocha/Sabará (1907-1916)**. 2008. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós- Graduação em Educação, Belo Horizonte.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1988.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Revista Annales**, n. 6, p. 1505, nov./dez. 1990.

DAUPHIN, C. Mujeres solas. In: DUBY, G.; PERROT, M. (Org.). **Historia de las mujeres: el siglo XIX: Cuerpo, trabajo e modernidad**. Madri: Tanurus, 1993.

DÁVILA, Jerry. **Diploma de Brancura: política social e racial no Brasil- 1917-1945**. Trad. Cláudia Sant'Ana Martins. São Paulo: Ed. UNESP, 2006.

GINZBURG, Carlo. **História noturna**. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

LE VEN, Michel; FARIA, Érika de; MOTTA, Miriam Hermeto de Sá. História oral de vida: o instante da entrevista. **Varia História**, Belo Horizonte, n. 16, p.57-65, set. 1996.

MACHADO, Maria de Lourdes Guerra. **Nas ruas de Sabará**. Sabará: CMC, 1999.

TANURI, Leonor Maria. História da formação de professores. **Revista Brasileira de Educação**, n. 14, p. 61-88, maio/ago. 2000.

VEYNE, Paul Marie. **Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história**. 4. Ed. Brasília: Editora UNB, 1998.

